

O desafio da Inculturação na vida pastoral

*Edvaldo Monteiro da Silva*¹

Resumo: A presente pesquisa de caráter bibliográfico, parte do conceito Inculturação de Marcelo Azevedo que compreende a Inculturação como um processo de evangelização pelo qual a vida e a mensagem cristã são assimiladas por uma cultura, de maneira que não somente elas se expressem com os elementos próprios da cultura em questão, mas se constituam em um princípio de inspiração, a um tempo norma e força de unificação, que transforma e recria essa cultura. (cf.:AZEVEDO, 2001, p.12). Este trabalho quer refletir a importância e os desafios de uma pastoral inculturada, a partir da urgência da renovação pastoral e missionária das paróquias, como propõe o Documento 100 da CNBB. Percebemos que a Inculturação do Evangelho é um imperativo do seguimento de Jesus na busca da restauração do rosto desfigurado do mundo e que deve ser realizado em cada contexto cultural. Observa-se que, nos últimos anos, O tema da inculturação foi sendo deixado de lado ou, muitas das vezes, tratado de maneira pejorativa por alguns grupos na Igreja, porém, com o Papa Francisco, paulatinamente, esse tema está voltando à tona, na perspectiva de uma Igreja em saída, samaritana, que é desafiada a inculturar-se em um mundo urbano, cada vez mais marcada pelas demandas subjetivas dos indivíduos.

Palavras chave: Inculturação, Pastoral urbana, Religião e identidade

INTRODUÇÃO

A contemporaneidade, surge trazendo várias construções e desconstruções, o chão que aparentava sólido, já não existe mais. O novo causa muito medo, mas também encantamento e oportunidades. A humanidade é convidada a repensar a sua existência, as suas verdades, a reconstruir suas bases, pois quando se é desafiado se produz mais.

A partir da provocação do Papa Francisco de que a Pastoral se configura como o exercício da maturidade da Igreja, gerando, amamentando, fazendo crescer, corrigindo, alimentando e conduzindo pela mão, somos convidados a uma conversão pastoral de nossas paróquias, pois a estrutura que temos, não corresponde a uma realidade marcadamente pela cultura urbana e seus desafios. (PAPA FRANCISCO, 2013, p.104)

Jesus Cristo é, com efeito, a medida de toda cultura e de toda obra humana. A inculturação do Evangelho é um imperativo do seguimento de Jesus e é necessária para restaurar o rosto desfigurado do mundo, trabalho este que se realiza no projeto de cada povo, fortalecendo sua identidade e libertando-o dos poderes da morte, que gera exclusão, desigualdade, racismo e opressão. (Conclusões da IV Conferência do Episcopado Latino-Americano e Caribenho, 1992. N13)

1 Mestrando do Programa de Pós Graduação em Teologia, Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP, edsilva_12@hotmail.com

O tema da inculturação, tantas vezes mau entendido, ou deixado de lado, retorna ao cenário das reflexões teológicas a partir do Papa Francisco, que nos convida a uma conversão pastoral e das estruturas. É neste contexto que nos propomos a refletir sobre a importância e os desafios de uma pastoral inculturada, a partir da urgência da renovação pastoral e missionária das paróquias, como propõe o Documento 100 da CNBB.

O presente trabalho está dividido, em três tópicos: o Primeiro imperativo da inculturação (conceitua a inculturação e aculturação e mostra a necessidade da inculturação do Evangelho); O segundo Pastoral Urbana (trata da necessidade da conversão pastoral e renovação paroquial, para uma pastoral urbana eficaz) e O Terceiro Inculturação na Pastoral (versa sobre metas, campos e prioridades da inculturação e luzes para uma pastoral inculturada).

1 IMPERATIVO DA INCULTURAÇÃO

Para ser compreensível, o Evangelho precisa partir do próprio mundo. Se não tivesse partido das palavras dos pagãos, Paulo não teria podido articular no meio deles uma Igreja viva, capaz de desenvolver-se por si mesma.

Cabe-nos destacar que não se evangeliza apenas com palavras, estas são necessárias, mas o Evangelho é levado por pessoas vivas, cuja vida, atos e comportamentos esclarecem as palavras. Os discursos, as intenções, os apelos recebem a sua força não das puras palavras e sim da pessoa. Com isso, os evangelizadores são os que vivem intensamente o Evangelho. Eles são pessoas comuns que falam pelas palavras e por toda a vida, pelos gestos que estão carregados de significado no meio do mundo.

O problema da inculturação é tão antigo quanto o cristianismo, pois nascida em ambiente judaico, a nova religião precisou inculturar-se no mundo helenista e na cultura dos povos Greco-romano. O discurso feito por Paulo no Areópago de Atenas é um excelente exemplo de pregação inculturada (cf.: At 17, 22-31). Sua sistematização teológica é relativamente recente.

A palavra “inculturação” entrou recentemente no vocabulário teológico. Segundo o “Dicionário de Conceitos Fundamentais da Teologia”, o primeiro Teólogo que usou foi o padre Joseph Masson SJ (1959), discípulo de outro missionário famoso, Pierre Charles SJ. De fato, foi a 32ª Congregação Geral dos Jesuítas (1974/75) que divulgou. Foi usada no Sínodo dos Bispos de 1977 e acolhida pelo Papa João Paulo II na “*Catechesi Tradendae*”. (ANTONIAZZI, 1995, p. 95)

A palavra inculturação exprime o desejo antigo de que o Evangelho adentre no coração de cada cultura e nela se expresse como algo que lhe pertence e não como uma voz alheia. Cabe frisar que o Espírito e a Palavra se servem de instrumentos humanos para disseminar a mensagem divina e para agir na história.

O conceito nasceu na reflexão sobre a pastoral no âmbito das culturas, processo mediante o qual a cultura assimila o Evangelho a partir de suas próprias manifestações culturais.

O fundamento doutrinal da inculturação situa-se na diversidade e multidão dos seres criados, que provém da vontade de Deus Criador, desejoso que esta multidão diversificada exalte ainda mais os inumeráveis aspectos de sua bondade, bem como, no mistério do próprio Cristo: a sua encarnação, sua vida, sua morte e sua ressurreição.

Como Jesus anunciou o Evangelho utilizando-se de todas as realidades familiares que constituíam a cultura do seu povo, assim a Igreja seguindo o seu exemplo não pode deixar de assumir para a construção do Reino elementos que provêm das culturas (cf.: At 2, 5-11).

O processo de inculturação pode ser concebido por diferentes aspectos: a nível de vida (a inculturação não é somente a conservação das tradições culturais, mas é também uma forma de agir ao serviço do homem integral e de todos os homens, compenetra e transforma todas as relações, atenta aos valores do passado, dirige o olhar também para o futuro); ao nível de linguagem (a inculturação consiste no ato de apropriação do conteúdo da fé nas palavras e nas categorias de pensamento, nos símbolos e nos ritos de uma determinada cultura).

Verifica-se que a inculturação é um processo mútuo e dialético de aprendizagem cultural e espiritual, tendo a cultura como veículo potencial da fé.

A inculturação, portanto, é, ao mesmo tempo, um caminho de discernimento cultural e espiritual e um processo de conhecimento da fé. Entre evangelizados e evangelizadores – pessoa ou comunidade apostólica – se estabelece, de algum modo, uma evangelização mútua. Ao dar-se conta de sua própria cultura, vista agora a partir da fé, o evangelizador a redescobre como portadora do Evangelho, mas nunca como forma exclusiva ou privilegiada de propô-lo ou de vivê-lo. Em sua alteridade, a outra cultura, a que se está evangelizando, revela ao evangelizador como se pode viver a mesma fé de um modo diferente e novo. Essa relação teologicamente intercultural é uma experiência e uma etapa indispensável de toda evangelização inculturada. (AZEVEDO, 2001, p. 30)

De acordo com o que foi supracitado, a inculturação é um processo ativo que demanda mútua acolhida e diálogo, consciência crítica e discernimento, fidelidade e conversão, transformação e crescimento, renovação e inovação, bem como integra tradição e mudança, fidelidade às origens e novas criações.

Já a proposta de aculturação entre Evangelho e cultura é como se fosse o encontro entre ambas no meio do caminho, ou seja, instrumentos e adereços de indumentária afro-brasileira integrada a uma liturgia romana, é apenas um sinal de aculturação e não uma evangelização inculturada. Nota-se que aculturação é sempre um processo assimétrico, portanto, incompatível com a proposta de fraternidade do Evangelho e do imperativo do seguimento de Jesus.

Segundo Brighenti a aculturação é o processo de interação entre duas ou mais culturas, mediante o qual se dá uma transposição de símbolos, significados, produzindo uma perda de elementos originais das mesmas e gerando uma cultura sincrética. Esta se configura numa passagem de uma cultura a outra quase sempre problemática, devido a impossibilidade de se deixar completamente a própria cultura para assumir outra. Este processo pode causar um desenraizamento ou uma desaculturação. (BRIGHENTI, 1998, p. 31)

Segundo Azevedo, a aculturação é um conceito proveniente da antropologia cultural que quer dizer processo de transformações que se verificam numa pessoa ou grupo, pelo contato com uma cultura que não é a sua ou pela interação de duas ou mais culturas distintas. Já inculturação é o processo de evangelização pelo qual a vida e a mensagem cristã são assimiladas por uma cultura, de maneira que não somente elas se expressem com os elementos próprios da cultura em questão, mas se constituam em um princípio de inspiração, a um tempo norma e força de unificação, que transforma e recria essa cultura. (AZEVEDO, 2001, p. 12)

Deve-se ficar claro que inculturação é uma qualificação específica da relação entre fé e cultura. Ao fazer-se uma recordação dos vários métodos de ação missionária utilizado pela Igreja, constatar-se-á que três ficarão em evidência: inculturação, adaptação ou aculturação. Cabe-nos clarificar que estes não são a mesma coisa, pois como será explanado adiante cada um tem um método diferente. Os dois últimos termos dominaram por muito tempo o processo evangelizador, salvo exceções. Por meio deles aconteceram mudanças drásticas de fora para dentro no grupo cultural que se queria evangelizar.

Na aculturação e assimilação prevalece o poder determinante da cultura etnocêntrica do evangelizador. Já na inculturação a evangelização se faz a partir de dentro da cultura do grupo que se quer evangelizar. Neste último os membros da cultura são, assim, os sujeitos principais do processo.

Entende-se que Jesus é a Verdade eterna que se manifestou na plenitude dos tempos. E precisamente, para transmitir a Boa Nova a todos os povos, fundou a sua Igreja. Por conseguinte, a missão específica da mesma é evangelizar: “Ide por todo o mundo, pregai o Evangelho a toda a criatura.” (cf.: Mc 16, 15). De acordo com o que foi dito, desde o princípio, os primeiros cristãos têm consciência de que sua assembleia local tem uma missão universal, concretamente aberta a todos os povos. (CELAM, 1992, n. 2)

A missão da Igreja entre os homens é de construir o Reino de Deus. O novo povo de Deus nada subtrai ao bem temporal de qualquer povo, até pelo contrário fomenta e assume como fatores positivos as capacidades, as riquezas e os costumes dos povos. Assumindo-os, purificando-os, reforça-os e eleva-os. Por conseguinte, a evangelização atinge o seu objetivo quando o homem quer como pessoa singular, quer como membro de uma comunidade que o marca em profundidade, aceita receber a Palavra de Deus e fazê-la frutificar no dia-a-dia de sua vida.

Neste caso a promoção da pessoa humana deve ser consequência lógica de uma evangelização que pretende a libertação integral da pessoa. Ao se referir à pessoa humana vale apenas destacar que esta não é abstrata, mas concreta, arraigada na história.

Pode-se afirmar que o cristianismo é uma experiência marcadamente cultural. Embora às vezes o tratassem como um fenômeno quase independente da cultura, uma das características fundamentais do mesmo é o seu caráter encarnatório e histórico. Com isso, o cristianismo, em sua consistência humana, é uma vivência cultural, pois toda a concretização histórica da fé cristã só se realiza efetivamente no contexto de uma ou mais culturas.

Azevedo afirma que nenhuma cultura pode apresentar-se como o único, ou melhor, caminho para levar à fé, porque toda cultura é potencialmente portadora desse dom. A mediação evangelizadora é imprescindível. Não se pode negar ou ignorar que a cada pessoa ou grupo cultural, o Espírito dará acolher, viver e expressar a fé segundo a identidade de sua cultura, pois em uma evangelização inculturada, mais madura e plena, a vida e a mensagem evangélicas podem vir a constituir-se parte do patrimônio da cultura evangelizada. Todavia, nota-se que este processo de evangelização é exercido tanto em culturas que somente agora estão tendo acesso ao Evangelho como naquelas de longa tradição cristã, mas que com o passar do tempo, se encontram arrefecidas ou indiferentes ou arredias, no tocante aos conteúdos ou práticas da fé. (AZEVEDO, 2001, p. 3)

2 PASTORAL URBANA

Vive-se numa sociedade do descartável, do artificial, todo mundo é de todo mundo e ninguém é de ninguém, as relações estão cada vez mais fragilizadas. O medo do para sempre, do eterno, impacta diretamente na forma de ver e viver no mundo. As pessoas vivem muito mais a sua autoimagem do que elas são realmente.

A brevidade da vida e a velocidade das informações, leva-nos a pensar com base no pensamento de Bauman, em sociedade líquida e porque não gasosa, provocando na pessoa humana uma angústia por não conseguir apreender os pensamentos e informações na velocidade que elas acontecem.

Diante de tudo que foi dito, nos questionamos, onde fica a Igreja, a Evangelização, o anúncio do Querigma?

Nossas paróquias estão inseridas numa sociedade de contraste, grandes cidades, crescendo de maneira desordenadas, que desafiam o ser cristão. Os bispos, padres, diáconos, religiosos e religiosas, leigos e leigas não dão conta das exigências administrativas e pastorais gerando um cansaço e esgotamento, impossibilitando condições de novas frentes de evangelização. Neste sentido, predomina, uma ação pastoral de manutenção. (CNBB, Doc. 100, 2014, n.16-17)

Constata-se muito anonimato e solidão, uma procura da religião para atender as suas demandas religiosas pessoais, não querem uma vida de comunhão e nem pertença a um grupo cristão, aqui se vê claramente a influência de uma concepção mercadológica da religião. Por outro lado, nossas estruturas, não permitem um acolhimento personalizado do diferente, das minorias advindas das periferias materiais e existências, dos grupos específicos como universitários, povo de rua, migrantes, jovens, idosos, comunidades quilombolas ou indígenas, até mesmo um novo morador da paróquia. (CNBB, Doc. 100, 2014, n.18)

Numa sociedade emersa num pluralismo, vê-se, que o mesmo, nem sempre respeita o outro, e seu exagero é causa de tanto indiferentismo. “As pessoas confrontam sua experiência religiosa com o contexto de pluralismo religioso, com a perda do sentido comunitário e solidário da fé”. O fruto desse processo, é uma profunda crise de sentido de pertença à comunidade e por conseguinte o engajamento paroquial. (CNBB, Doc. 100, 2014, n.24)

Dessa maneira, podemos dizer que a conversão pastoral passa por uma superação de uma pastoral marcada apenas pelas atividades internas da Igreja, para uma pastoral aberta ao diálogo com o mundo. A conversão pastoral sugere renovação missionária das comunidades, passar de uma pastoral de conservação, para uma pastoral missionária. Para tanto, é preciso uma mudança de estruturas e métodos eclesiais, capazes de gerar nova atitude das pastorais, dos agentes de pastoral, grupos serviços, movimentos e associações. Assim, ressurgirá uma comunidade paroquial acolhedora, samaritana, orante e eucarística. (CNBB, Doc.100, 2014, n. 56)

O fruto de uma conversão pastoral, é uma renovação Paroquial, haja visto, que o ser humano atual, vive marcado pela mobilidade e pelo dinamismo de suas relações, isso provoca uma exigência de novas formas de evangelizar, tanto no mundo urbano, como rural. As pessoas não buscam mais o verdadeiro, mais o desejável, neste contexto a verdade se torna relativa as diferentes necessidades, por sua vez, a fé vivenciada nesta realidade, é exercida numa religiosidade não institucional e sem vínculo comunitário, mas vale frisar, ligado a interesses pessoais.

Observa-se que, o grande desafio das paróquias é sair em missão, deixar de ocupar-se apenas com a rotina e com as mesmas pessoas que já estão na comunidade e sair ao encontro das pessoas, como apela o Papa Francisco por uma Igreja em saída, samaritana, de pastores com cheiro de ovelhas. Dessa maneira, a renovação paroquial depende de um renovado amor a pastoral, a luz de Jesus, o Bom Pastor.

As paróquias precisam rever suas atividades: dar atendimento a doentes, solitários, enlutados, deprimidos, e dependentes químicos. E, assim, ampliar o atendimento: aproximando-se mais das famílias, do povo de rua, das populações indígenas, dos quilombolas, das vítimas da miséria e da violência urbana. (CNBB, Doc. 100, 2014, n.49)

Um desafio que para estrutura paroquial marcadamente pelo territorial, são as experiências de comunidades ambientais ou transterritoriais, não delimitada pelo espaço geográfico, mas por meio de proximidades, seja de trabalho, grupos de moradores de rua, universitários, empresários, artistas. Para tanto, o documento 100 da CNBB, atesta a defesa da territorialidade, pois para muitos católicos, ela é referência e um ponto de encontro, sentimento de pertença e integração, evitando assim, que a comunidade seja apenas um grupo de afinidades.

Diante de tantos desafios, constata-se, atitudes de medo, em relação a mudança, ao novo, por conseguinte, surgem tendencias de fechamento, rigidez, em métodos antigos e posturas de defesa diante de impotência, diante das grandes dificuldades especialmente nas grandes cidades. Mas o que se quer não é negar o que se tem, nem desvalorizar, pelo contrário, mas do que criar novas estruturas, pretende-se, recuperar as relações interpessoais e de comunhão, desburocratizando, simplificando, para que as atividades paróquias renovadas e convertidas, possam incentivar e formar os seus membros para serem agentes de Evangelização. (CNBB, Doc.100, 2014, n. 57, 240 ,260)

3 INCULTURAÇÃO NA PASTORAL

Pode-se afirmar que uma pastoral realmente inculturada não se dará apenas na transferência ou na modificação de linguagens e métodos, de ritos e símbolos, de organizações e normas, de modos externos de fazer e expressar-se, mas sim, deve ir mais longe e atingir os alicerces, as raízes, o âmago da cultura que se pretende evangelizar. Desse modo, ela faz-se ao nível da pessoa como um todo e a partir dela, tendo presente as complexas redes de relações entre as pessoas e delas com Deus.

Inicialmente pensou-se que o sujeito de uma evangelização inculturada fosse o missionário evangelizador, que fazia de tudo para se desvestir de sua cultura e se revestir de outra, paulatinamente. Tornou-se quase que consenso que o evangelizado, ou melhor, a comunidade ou o grupo humano que recebe o Evangelho, que é protagonista da inculturação da fé cristã, a esse cabe, a reinterpretação e transformação da própria cultura, à luz do Evangelho. (ANTONIAZZI, 1995, p. 98)

Nota-se que na Igreja da América Latina, tem dado destaque a importância da inculturação no processo de evangelização. Por muito tempo, a igreja utilizou a inculturação, dando ênfase para evangelizadores nas pastorais populares, mas agora, com advento da cultura urbana, a inculturação está sendo usada para compreender o sujeito e seu comportamento no universo midiático, dessa maneira, é necessário saber inculturar o Evangelho no contexto da comunicação virtual e no coração das culturas. (CNBB, Doc.100, 2014, n. 137)

Numa sociedade pluralista, a participação na vida social tornou-se cada vez mais uma opção, assim, uma pastoral inculturada, é convocada a inserir-se, cada vez mais, nesta sociedade, para testemunhar o Evangelho de Cristo.

Dentro de um processo de inculturação há de se levar em conta as etapas, ou seja, as ênfases, ora na cultura, ora no Evangelho, diferentes nas atitudes dos evangelizadores. Uma das tarefas primeiras do evangelizador é levantar o inventário histórico-cultural do grupo que pretende evangelizar. Assim, as memórias históricas de cada povo e seu inventário cultural são matéria-prima para a evangelização.

Constituem-se meta para uma evangelização inculturada as relações simétricas de diálogo como pressupostos do anúncio da Boa Nova e da celebração dos mistérios. Há uma nova relação entre a unidade da fé e diversidade das manifestações desta fé.

Observa-se que os princípios pedagógicos de uma evangelização inculturada são: conceber o método a partir do horizonte da inculturação; a endoculturação, entendida como o processo natural de apropriação e aprendizagem da cultura na qual se nasce, através de uma socialização primária, e enculturação, concebida como o processo de assimilação ou internalização da própria cultura ou de aquisição de uma identidade cultural, através de uma socialização secundária, da Igreja como condição para uma inculturação do Evangelho; toda revelação é percebida e expressada segundo o modo de seus receptores; inculturar o Evangelho a partir das culturas que defendem e promovem a vida. (ANTONIAZZI, 1995, p. 41-64)

Em se tratando de meta e agentes, na inculturação se entrelaçam a meta e o método, o universal da salvação e o particular da presença. A meta da inculturação é a libertação e o caminho da libertação é a inculturação.

Por isso os bispos, como pastores regionais, devem, junto com o povo de Deus, coordenar e incentivar esta inculturação. A paróquia deve ser uma comunidade missionária em saída. Ela tem a tarefa de desenvolver a inculturação da fé em todos os segmentos que formam a Igreja povo de Deus.

Catequistas e agentes de pastoral serão de fundamental importância para esse processo de inculturação do Evangelho, bem como, a presença e o testemunho das comunidades religiosas inseridas no meio do povo, os institutos seculares e a colaboração dos teólogos conforme seu campo específico.

No tocante a campos e níveis, temos além da pastoral junto às chamadas culturas tradicionais também uma pastoral urbanamente inculturada, representa um desafio. Por isso, a Igreja deve inculturar o Evangelho na cidade e no homem urbano e no campo, para o mundo secularizado e para as culturas.

A mensagem evangélica deve inculturar-se também na nova cultura da imagem. Nota-se que a ação educativa da Igreja é um exercício de inculturação do Evangelho na própria cultura. O que necessita ser inculturado é o conjunto da Igreja, com suas estruturas, organização ministerial, liturgias, catequese, com o objetivo de atingir maior realização do Reino de Deus.

A paróquia missionária, há de ocupar-se menos com detalhes secundários da vida paroquial e focar-se mais no que é realmente propõe o Evangelho. É necessário inculturar

o Evangelho no coração das culturas, por meio de uma pastoral convertida, de mera conservação a missionária, reflexo de uma paróquia também convertida nas suas estruturas e membros.

Deve-se dar maior atenção a questão da inculturação na formação de sacerdotes e agentes de pastoral. Devem ser oferecidos cursos específicos de missiologia que instruem tanto os agentes de pastoral como os candidatos ao sacerdócio na importância da inculturação do Evangelho.

Este anúncio é feito a partir de uma comunidade que acolheu o Evangelho e procura vê-lo e partilhar com outros o dom que ele representa. Esta comunidade de fé é a Igreja, ela é a portadora da Boa Nova. Assim, a acolhida da fé pela cultura a faz participar da comunidade evangélica dos que creem, partilham a fé e vivem o amor, que é a Igreja.

Vê-se que Jesus valorizou a casa das famílias durante três anos em que andou pela Galileia, visitou pessoas e famílias. Ao enviar discípulos, deu-lhes a missão de entrar nas casas do povo e levar a paz (cf.: Mt10,12-14). “Entrar na casa significa entrar na vida daquela pequena comunidade que nela habitava, portanto, inculturar-se. Vê-se claramente que o desejo de Jesus é que os seus discípulos se inculture na vida das pessoas, na realidade cultural, para somente assim, anunciar a Boa Nova. É exatamente isso que se espera hoje dos agentes de pastorais. (CNBB, Doc.100, 2014, n. 72)

O Papa Francisco enfatiza que não se pode ficar fechados na paróquia, em nossa comunidade, em nossa instituição paroquial ou em nossa instituição diocesana, quando tantas pessoas estão esperando o Evangelho. Fica claro a preocupação do Papa pela renovação paroquial, capaz de inculturar o Evangelho, para com alegria fazer chegar em cada coração humano e cultura. Por meio do crescimento da vida cristã, o diálogo, o anúncio, a caridade generosa, adoração e a celebração. (CNBB, Doc. 100, 2014, n. 145, 146)

CONCLUSÃO

Portanto, o estado permanente de missão que uma paróquia renovada por meio de uma pastoral inculturada, supõe que a comunidade cristã tenha consciência de que é “por sua natureza, missionária e precisa ser constantemente missionada, isto é, precisa de novos desafios que enfrenta no confronto com o mundo e na relação entre seus membros. Para ser missionária, a paróquia precisa ir ao encontro das pessoas, de sua cultura. Neste sentido, a conversão pastoral da paróquia em uma pastoral paroquial inculturada, faz com que ela seja uma instância de acolhida e missão, uma casa de portas sempre abertas para promover a cultura do encontro.

Por fim, pontuo quinze pistas para uma pastoral inculturada: 1. Inserir na prática de uma Igreja de comunhão e participação; 2. Favorecer o surgimento de novas comunidades; 3. Atender às demandas que emergem da subjetividade (capacitar para escuta); 4. procurar o equilíbrio na liturgia: nem rubricismo, nem missa show; 5. Avançar na construção de

uma Igreja inculturada; 6. Prosseguir na missão de profetismo social da Igreja (incrementar e valorizar as pastorais sociais); 7. Recuperar as raízes espirituais e místicas do cristianismo (voltar à patrística e grandes santos); 8. Investir na formação sistemática e de qualidade dos leigos e leigas (superar os cursinhos); 9. Investir mais numa pastoral voltada às juventudes; 10. Promover uma nova Pastoral com os olhos voltados para cidade (diálogo com os outros autores); 11. Ampliar os trabalhos voltados para o cuidado da casa comum (em todos os âmbitos pastorais); 12. abrir-se para debates atuais sobre as mais diversas construções familiares; 13. Atenção especial à comunicação e aos seus meios (investir em pascom e outros); 14. Buscar o diálogo entre cristãos e com outras religiões (recuperar a semana de oração pela unidade dos cristãos); 15. Renovação missionária das comunidades (entre elas e além delas, sem fronteiras).

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Marcello de Carvalho. *Viver a fé cristã nas diferentes culturas*. São Paulo: Loyola, 2001

ANTONIAZZI, Alberto. *Desafios da missão hoje*. São Paulo: Mundo e missão, 1995. p. 95-116, (Coleção Estudos Missionários)

ANTONIAZZI, Alberto, *A Missão da Igreja no Documento*, in: SOTER (Org.), *Santo Domingo: Ensaio Teológico-Pastorais*, Petrópolis, 1993, 191-205.

BRIGHENTI, Agenor. *Por uma evangelização inculturada: princípios pedagógicos e passos metodológicos*. São Paulo: Paulinas, 1998

CELAM, Conclusões da IV Conferência do Episcopado Latino-Americano e Caribenho. *Nova Evangelização, Promoção Humana, Cultura Cristã*. São Paulo: Paulinas, 1992

CNBB, *Comunidade de comunidades: uma nova paróquia*. Documento 100. Brasília: edições CNBB, 2014

PAPA FRANCISCO, *Palavras do Papa Francisco no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 2013, p.104

BÍBLIA de Jerusalém. 4ª impr: São Paulo: Paulus, 2006